

Alto em Benedicto e M. Augusto

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2\$000 por trimestre, na typographia do *Poiz*, Largo de Palacio n. 47.

NUMERO 46.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 22 DE DEZEMBRO DE 1872.

O QUADRO DA IGREJA.

(ALFRED DE MUSSÉT).

(Vide n. 45.)

—E faltava um deus ao mundo; antes de ti, quantos insensatos tentarão collocar idolos nos altares desertos! Descalço, tu subiste ás tripeças d'ouro e deste um deus pobre ao universo parramentado de riquezas. O Christo! o velho Olympo tremeo no Capitolio; conhecestes que a capa de burel não te garantia os muros de Jerusalem; então descobriste o peito e, quando... o rasgãrão largas feridas, subiste á cruz...

«Porem lá... lá... Oh! se no fundo de tua alma, se nas ultimas e secretas dobras de teu pensamento, a duvida terrivel... se tu mesmo

FOLHETIM DO DOMINGO.

Regeneração e honra.

(Semi-romance.)

A MEU AMIGO A. AZEVEDO.

I

Da capital do Rio-Grande do Sul, em o anno de 1842, chegou á do Maranhão um mancebo que contava seus vinte e quatro annos de idade.

Esensamos-nos de retratá-lo, porque isso nada nos importa. Chamava-se Affonso de Andrade, e é o quanto nos basta.

Affonso de Andrade, não tendo amigos nem mesmo conhecido algum em Maranhão, foi residir em um hotel. Fazia dous annos que havia estado por passeio n'essa cidade, e os poucos dias que ali passara, foram tambem n'esse mesmo hotel.

Affonso vinha com ansiedade procurar uma moça que ali conheceu. Era esse o motivo da sua volta. Para encontrá-la daria tudo. A' quem, porem, se dirigir para d'ella informar-se era o que lhe faltava. Sabia apenas que se chamava Soplhia Borges, mas nem ao menos a que familia pertencia. E' bem verdade que ha dous annos, quando elle ali esteve, essa moça era conhecida por muita gente. Affonso sabia d'isto; mas, como dissemos, não havia deixado conhecimento algum. Os hospedes,

não acreditavas na immortalidade que pregavam; se o homem, o homem vivia no teu seio!... E nem um ser no mundo adivinhava-te o pensamento... Jamais, quando caminhavas na superficie da terra, ignorando se eras tudo ou nada, derramaste em alma humana o que acabruhava tua alma divina... Nessa terrivel noite das Oliveiras, oh! diante de quem te prostravas? Quem o soube? quem o saberá jamais?... nem um ente!»

Interrompi-me á este brado. A voz harmoniosa vibrava no espaço; uma doce melodia soprou-me ao ouvido e eu ouvia murmurar: *Maria Mulaglena!*

Augusto Gabriel.

NOTICIAS DA PACOTILHA.

Todos sabem,—(principalmente os que não ignoram)—, que a semana, que findou, foi um

que n'esse tempo estavam no hotel e dos quaes alguns conheciam Soplhia, nenhum mais encontrou.

Affonso de Andrade, portanto, pouco ou nada podia por si só fazer em uma terra estranha.

Tinha apenas um desejo immoderado; fazia todos os esforços; não olhava difficuldades, e tinha esperança.

O que, porem, lhe cumpria fazer? Logo que chegou, dirigio-se á pittoresca *rua do Passio*; quando ia entrar em uma casa, chega á janella uma senhora de phisionomia respeitavel, e já idosa. Affonso saudou-a cortezmente.

—V. Exe. fará o obsequio de dizer-me se mora ainda aqui a Sra. D. Soplhia Borges?

—Não, senhor— respondeu a senhora; mudou-se ha seguramente dous annos.

—Mas, V. Exe. conheceu-a? sabe dar-me noticias d'ella?—desculpe-me a impertinencia—cliego do sul, e não tenho aqui pessoa conhecida.

—Não a conheci; mas ouvia fallar em seu nome.

—E não sabe para onde mudou-se?

—Não sei, e nem mais ouvi fallar d'ella.

—Oh! mais isto é increditavel! balbuciou o moço tristemente. Não sei a quem me dirigir... Mas... queira V. Exe. desculpar-me...

—Não tem de que, disse a senhora, com uma leve saudação de cabeça.

compuesto de novidades e que d'esta vez tomo que filter noticias para o assumpto, depois de—tantas vezes—me ter faltado assumpto para as noticias.

Estas novidades resumem-se na exposição da festa popular do trabalho e na dos Educandos Artífices, realisadas, durante tres dias, no edificio dos últimos, o que dá *panno para mangas*.

Entretanto, si muita coisa havia, muito mais faltava: o patriotismo dos nossos agricultores não se revelava ali. E' verdade que, na nossa terra, o patriotismo é subentendido de uma maneira assás bulesca. O homem que planta a casa de verde e amarelllo; o que promove uma subscrição para organizar uma passeiata; o que deita, em dias de regosijo popular, uma folha *brasileira* na casa da casaca ou na fita do chapen, dando vivas ao Imperador e ao Imperio, o que, ao tempo da guerra do Paraguay, dava um escravo ao governo, armando á um título ou commenda; enfim, todos os que fozem fanfarrões e *boavardis* são os verdadeiros patriotas; são os homens, na opinião do povo, á quem o governo deve recompensar o interesse que por elle tomam.

Superabundam tões typos, a cidade está cheia de patriotas de foguete; entretanto áquella modesta e sublimo festa de nada valen a fanfarronice.

Si quizer falar de objecto por objecto, tanto eu,

Alfonso affasta se da jwella, e, no meio da rua, vacilla sobre o que lhe cumpre fazer.

Onde ha de ir? á quem ha de pedir informações de Sophia?

Lembra-se d'uma prima de Sophia, de quem ella fallava llo, e que dizia ser sua amiga; mas não a conhecia.

Resolve finalmente a andar toda a tarde com esperança de vê-la em alguma janella. Hestava-lhe essa esperança, porque, sendo tão pequena como é a cidade de S. Luiz, achava esse meio mais facil de encontrar quem tanto desejava.

Andou, portanto, sem destino; correndo todas as ruas. Não tirava a vista das janellas. Houve até algumas em que não se conteve de perguntar alguém por Sophia Borges.

Foram, porem, baldados os seus esforços. Nada viu, e ninguém lhe soube dar informação que o agradasse.

— Parece incrível, pensava elle descontente, ninguém sabe onde ella móu! Mas, hei de saber eu mesmo, concluiu esperançosamente; Maranhão não é Paris nem Londres, para não se encontrar quem se procura.

E assim, todos os dias sahia, e andava por toda a cidade; não havia rua por mais longinqua e exquesita que fosse, por onde não andasse. Nada. Já havia fallado com dous rapazes com quem se havia relacionado, quando pela primeira vez ali esteve, e que conheciam Sophia. Es-

como os leitores, zangamos-mos. O *Publicador* fel-o; o *Paiz* tambem; e eu incorreria no crime de *lesa-paciencia* si os imitasse.

Mas todavia não posso furtar-me ao desejo de recommendar ao publico—a *Chapellaria Allemã*, dirigida pelo Sr. Emmanuel Blum, mancebo de muito gosto e de muita habilidade. O trabalho do Sr. Blum é perfeito, limpo, e, sem que queiramos offender os seus collegas, diremos que... não; para que dizer? Ficariam sem duvida zangados commigo, e são tão bons rapazes!...

Tornando, porem, á *yécea-féira*: a concurrencia foi grande, apesar de não haver loges de vista.

As flores do jardim da humanidade, que devem ser as—mulheres—e não os—poetas—como o diz Julio Diniz, abrihambaram a festa com a sua presença. Em todos os rostos pintava-se a alegria.

Pena é que o *basar* não dêsse um resultado mais satisfactorio. Não pensam os leitores que fui hadagar desse resultado para dizer-lhes isto: não senhores; é que eu não vi ali aquelle entusiasmo annual do basar da Sociedade Humanitaria; ninguém se animava a dar por um objecto muito mais da seu valor real; poucos tornavam a dar os objectos arrematados; e raros haviam desses que tanto protegem os interesses da sociedade estrangeira, talvez por um natural instincto de patriotismo ou por acharem pouca importancia

tes mesmos, porem, disseram-lhe que tambem, havia dous annos, não viam-n'a, nem tinham noticia d'ella.

Nestes prejuizos, n'estas indagações infructíferas—decorreram muitos dias, e portanto, Alfonso quasi que já havia perdido a esperanza de encontrar quem procurava.

—Onde estará ella? pensou elle—no interior da provincia? em outra cidade? ter-se ha casado? Supposições incertas, embora que bem provaveis. Mas como conhecer-se a realidade?—eis o difficil—eis o que o desesperava.

—Nem se quer conheço a familia a que pertence... já estou qua-i convencido de que não se acha mais nesta cidade; mas onde me dirigir, se só posso dizer que procuro Sophia Borges, e mais nada?—reflectia desconsolado.—E' só o que me cumpre fazer: esperar mais, se bem que com pouca esperanza—talvez seja um dever.

E Alfonso de Andrade ficou por mais dous, quatro e seis mezes para ver se colhia ao menos alguma informação de Sophia Borges. Findo, porem, esse tempo, decido retirar-se para a sua provincia, onde seu pao ancioso o esperava. Levava a duvida e a desesperança. E, ainda mais, parece que um remorso agora o atormentava.

(Continúa).

A. Britto.

n'uma sociedade que exerce o mister de animar as artes, e as sciencias naturaes.

Os *bonds* trabalharam nos tres dias da exposiçãõ com uma regularidade muito irregular. Não gostei de ver o serviço e tive vontade de dizer como o amigo Yenceslau:—*Hommeu, isto de bonds é mesmo uma—çadellage.*—

Gostei da interpretação que deu um meu amigo às seis iniciaes que se lêem nos *bonds* C. F. C. S. L. M. (1): *Companhia de frys-caras sem licença municipal*; na verdade parece que os directores escolheram á dedo para empregados uma colleção de typos essencialmente ratões, com honrosas excepções. Consta até, por esse motivo, que a companhia anda às turras com certo individuo que queria aproveitar taes typos para um presepe, com que pretende louvar ao Deus Menino.

Consta-me tambem que se vai instituir, no tribunal do jury, o *beija-mão* ao juiz, porque assim o exige a authoridade monar. lica de certa Excellencia descabellada.

Sempre ha cada uma!

O inverno principiou: a grande *provoada* de quinta-feira passada obrigou a queimar-se muita palha henta.

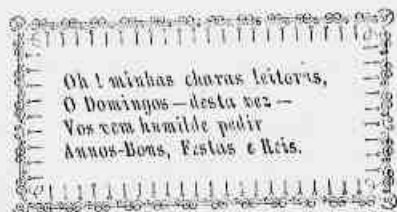
Os fabricantes de guardas-chuvas levantam as mãos para os céus em ações de graças!

Os photographos mordem os bigos despeitados.

Não apparecer os sapatos de borracha e os jabotis vão sair das suas furtas.

Vão desaparecer as bengalas, e—o que mais vale—vão moderar o inaneuso calor que nos abrasa.

Avisinham-se as festas do Natal; inaugura-se a linha do *Basson*; alina-se quanto violão ha na capital; e, seguindo uma velha usança que herdamos de nossos avós e que ainda não abolimos, graças ao nosso irreprehensivel systema conservador; eu venho apresentar ás minhas queridas leitoras o seguinte bilhete, de anachronico estylo:



Depois de tão engenhoso pedido, conto com uma serie de *presentes* das leitoras: áquellas que

Companhia de ferro-carris S. Luiz do Maranhão.

forem solteiras pagarei, arranjan-lo-lhes *futuros*; mas que não sejam feias, para que elles não fiquem *passados*. . .

EXPEDIENTE.

Recebemos do Piahy o *Despertador*.

Agradecemos e retribuimos.

O Domingos.

Amigo Arthur Azevedo.

Remetto-te, por copia, uma das mais lindas poesias do nosso Luna Baratta, escripta, por felicidade minha, no nosso *album*.

Pedindo-te que a faças publicar no nosso interessante *Domingo*, recommendo V. a. O Baratta, ao que parece, quer fazer parte dos *eurytheus* que seguem—a escola que Castro Alves seguiu: pelo menos revela muita tendencia para esse genero de poesia—na que offereceu á memoria de Gonçalves Dias; na que escreveu no album de F. Severo; na que offereceu a Juvenal Galeno,—medita ainda—; na traducção que fez de Bouchard; e agora—nessas mimosas oitavas que ali vão.

Agradaram-me, applaudi-as e tenho certeza de que o mesmo acontecerá contigo.

Publica-a: pede-t'o

o amigo

A. Queiroz.

A Alfredo Queiroz.*

Tai dant, l'ail pecc à travers le temps,
Enfant des nées, ne vaistu rien chercher ?
Bouchard.

Eu que os vagilos, que soltei no berço,
Vi repetidos por destino austero;
Eu que, cerrado só de gelo e morte,
Passo no mundo qual passara Ilhéro;
Se vejo as aguias que transpõem céleres
Paramos altos d'azulado céo;
—Reia, nos prados qu'a amizade alenta,
Procuro um threno para o livro teu !

E vou salinno p'la fragosa encosta
Dos altos Andes, de condores nimbo;
M'assento á sombra da palmeira esguia
E durmo á borda do gentil caminho;
E nessas horas de frugal repouso
Que sonhos passam pelo somno meu,
—Vivo se durmo! mas se accordo, á esmo
Procuro um threno para o livro teu !

Mazzepe errante, cavalgando ufano
Corsel fogoso de luzentes crinas,

Meus olhos buscam precrustar no espaço
D'algo futuro accidentaes neblinas;
Mas se as areias dos enganos pampas
As nuvens s'erguem desenhando um véo;
No rijo vento que o sendal trespassa
Procuro um threno para o livro teu!

Anachoreta, que despreza o mundo,
Fujo das côrtes, dos prazeres loucos,
E mudo, em meio as solidões serenas
A Deus entrego minha vida nos poucos...
Se a brisa passa, e meu tugurio affaga,
Pouso d'esp'rança que o Senhor me deu,
Entre as florinhas que despontam moigas
Procuro um threno para o livro teu!

Corro ao banquette que o saber preside,
Tendo p'ra longe a presumpção proscripto.
Alli me assento; nos concivas todos
De Guttenberg repercutu o grilo!
—Vem, pois, arado; vem escôpro, malho,
Vem, sacro lenho em que Jesus soffreu...
Eu, reverente, n'estes signos todos
Procuro um threno para o livro teu!

Eu deixo a Hespanha que se diz catholica,
Rasgar o seio em fratricida luta;
Eu deixo a Gallia das remotas éras
Vasando o calix de letal cicuta;
Mas se o gageiro d'Albion soberba
Foge da Lybia... que o saber perdeu,
Mesmo no cégo que tucta em trevas
Procuró um threno para o livro teu!

Enquanto a triste, desolada Hungria,
Mais a Polonia—de conjuncto choram,
Aquella—o fado de não ser tão livre
Como as rajadas que os vergéis desfloram,
Esta—seus bravos, denodados filhos
Mortos na luta à que a razão cedeu;
Eu, na tristeza da gentil Warsovia,
Procuro um threno para o livro teu!

Morre o poeta na fogueira immensa,
Que o *santo-officio* levantar mandara...
Lá vai Gonzaga delinhar no exilio,
Longe da patria, de quem tanto amara;
Aquelle á Chlora seus harpejos solta,
Este bem mostra que já foi Dirceu...
—Sigo-os?... talvez que no soffrer dos harões
Eu achei um threno para o livro teu!

Somos soldados da cruzada ingente,
Que o Novo Mundo vai mostrar agora!
Levemos livros p'ra espancar as trévas,
Na cruz levemos o brilhar d'aurora,

Que ao lar voltando nos aguardam palmas
Que Guttenberg para nós colheu...
—E tu, descança d'um loureiro á sombra,
Qu'achei um threno para o livro teu!
Lima Baratta.

Um baile.

V

Ja são horas da partida.
Modinha popular.

Vae alta a noite; a lua, a se ausentar dos céos
do baile indica o termo; e traz os seus chapéus
a gente feminina; o corredor estreito
é cheio de velhas que, em zangas e despeito,
esperam que termine o longo adeus das filhas
que tão sandosas vão das valsas e quadrilhas.
De beijos ha uma serie e mais de mil abraços...
A brava rapasia offerece-lhes os braços...
Enfim dos labios parte o beijo derradeiro,
cuja precedencia á mim lembrou Guerreiro
que n'uma linda satyra cantou com maestria
um feminino grupo qu'assim se despedia.

— *Menina, deita o chapéu.* — *Então, dá-m'um charuto.* —
— *O Sá não dorma a vela; um pé pisou-me a bruta!* —
— *Já cas D. Ernestina? assim? nem uma lembrança?*...
Só fica-m'a impressão d'aquella contralanza?
— *E achas pouco?* — *Eu acho...* — *Então, tome este cravo.*
Um outro qu'istó vio ao longe, — grita: *Bravo!*
— *Amzahau — conte comigo; espere-m'á janella.* —
— *As horas são?* — *Meio dia.* —; e vae sem mais aquella.
— *Que horas são?* — pergunta um velho á coelha;
— *O ziuo chama á missa, o dia vem roiar...*
Um meço á uma menina á porta: — *Não se zangue.* —
— *Eu tenho boa vista: eu cá não sou do mangue!*

O mestre-sola grita aos pares — *Alavan!*
é bom levar a dança até pela manha!

Porem faltava todor; o baile estava findo
e eu, alguns momentos depois estava dormindo,
sonhando que fazia do baile a descripção.
Já fiz: um pouco tarde; mas serve.

1872.

E porque não?...
A. A.